



Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira (1740 — 1795)

Claudio Moreira Bento*

Resumo biográfico do terceiro brasileiro a atingir o generalato no Exército de Portugal. Reverência o bicentenário de sua morte.

Transcorreu, em 9 de janeiro de 1995, o bicentenário de morte do lendário e bravo gaúcho Rafael Pinto Bandeira, na Vila de Rio Grande, seu torrão natal. Ele foi o terceiro brasileiro a atingir o generalato no Exército de Portugal e o primeiro filho do Rio Grande do Sul a conquistar tal distinção. Dos 14 anos aos 54, fez brilhante carreira, de Soldado Dragão do Rio Grande a Brigadeiro Comandante da Legião de Cavalaria Ligeira, tendo sido o primeiro gaúcho a comandar todas as forças do Rio Grande do Sul, como Comandante-geral e a governá-lo, interinamente, por 8 anos e 4 meses.

Pinto Bandeira distinguiu-se sobremodo na Guerra do Sul (1763-1777), em que os

espanhóis, após duas invasões (1763 e 1774), chegaram a dominar cerca de dois terços do território do maior estado sulino. Sua atuação, no comando das forças que conduziram a guerra de guerrilhas contra o invasor, ordenada pelo governo no Rio de Janeiro, contribuiu decisivamente para definir, como brasileiro, o destino do seu torrão natal. Foi ele o primeiro herói militar marcante da província meridional no decorrer do século XVIII, e sua trajetória foi seguida, entre outros, pelos generais José de Abreu e Manoel Luiz Osório, no século XIX.

Até o presente, o Brigadeiro Pinto Bandeira não mereceu a homenagem que o Brasil e, especialmente, o Rio Grande do Sul lhe devem, mercê dos seus méritos militares. O desenvolvimento de uma doutrina militar genuína, "a guerra à gaúcha", praticada na Região Sul, ao que se sabe até 1926, pelos

* Coronel de Engenharia e Estado-Maior. Sócio benemérito do IGHMB.

revolucionários de 1924-1926. Em que pese haver feito carreira no Exército Colonial do Brasil e a sua Legião de Cavalaria Ligeira haver sido absorvida pelo Exército Brasileiro, em 1824, até hoje nenhuma organização do Exército possui seu lendário e legendário nome como denominação histórica.

*Foi ele, sem dúvida, a "maior espada continentina do século XVIII, guerreiro de prodigiosa memória que conhecia todos os recantos do Continente (atual RGS), descrevendo com exatidão todos os arroios e rios, a direção das serras, o rumo das estradas e encruzilhadas, quando não se dispunham de mapas". Homem lendário, "que mesmo em noites escuras e tormentosas jamais se desviava do caminho a seguir", foi personagem do romance *O Tempo e o Vento*, de Erico Veríssimo, que o imortalizou, circunstância que a TV Globo ampliou, ao levar parte da célebre trilogia referente a Rafael em duas novelas.*

NASCIMENTO, FILIAÇÃO E ASCENDÊNCIA

Rafael Pinto Bandeira nasceu no Presídio Jesus-Maria-José (atual cidade de Rio Grande), em 16 de dezembro de 1740, decorridos quase 4 anos da fundação portuguesa do Rio Grande do Sul, com o desembarque naquele local, em 17 de fevereiro de 1737, de uma expedição ao mando do Brigadeiro José da Silva Paes. Era filho do Capitão Francisco Pinto Bandeira e de D^a Clara Maria de Oliveira. O pai, lagunense, escolhido para comandar a 1^a Companhia do Regimento de Dragões do Rio Grande, organizada por Silva Paes após desembarcar, constituiu-se no primeiro comandante de tropa de linha, denominação na

época de um integrante do Exército na área do atual Comando Militar do Sul. Rafael foi batizado no dia seguinte ao seu nascimento, na modesta capela do Forte Jesus-Maria-José,¹ da Fortaleza de Santana e do Estreito,² que fechava o acesso terrestre ao Presídio do Forte, ainda incipiente.³

O pai de Rafael subcomandava as tropas de Ordenanças ao comando do Coronel de Ordenanças Cristóvão Pereira de Abreu, constituída de tropeiros e estancieiros estabelecidos, desde cerca de 1730, na região de Viamão.⁴

Sua mãe migrara, com pais e irmãos, da Colônia do Sacramento para o nascente povoado de Rio Grande. Era neta do Capitão-Mór de Laguna, Domingos Brito Peixoto, que, por sua vez, era bisavô de Rafael. Pelo lado paterno, Rafael era neto de um português do Valongo, que chegou ao Brasil, em 1696 e se estabeleceu na região de Mampituba, SC, com estância de bovinos e ovinos.

Foram padrinhos de Rafael o Coronel de Dragões Diogo Osório Cardoso, solteiro, Comandante do Regimento de Dragões do Rio Grande e Comandante Militar do Continente, subordinado ao Rio de Janeiro (5 de março de 1739 a 28 de junho de 1752). Sua madrinha foi sua tia, Eufrásia Maria, de 14 anos de idade.

RAFAEL EM VIAMÃO EM 1741

Em 1741, Rafael mudou-se, com o pai Tenente de Dragões Francisco Pinto

1. Ergido junto ao canal, sangradouro, da Lagoa do Patos.
2. Atual hidráulica do município.
3. O batismo de Rafael constou do Livro 1 de Batismo da Capela citada, à folha 16 verso.
4. Área geográfica ampla, em torno da atual Porto Alegre.

Bandeira, para Viamão.

Seu pai ia cuidar da sesmaria recebida, em 15 de maio de 1740, na região atual de Sapucaia do Sul onde, em 1730, cuidava do seu povoamento, com mais de 10 mil cabeças de gado (vacuns e eqüinos) e com benfeitorias constantes de casa, currais e lavoura.

Rafael, aos 13 anos, acompanhou o pai até Rio Pardo (atual), para fundar o Forte Jesus-Maria-José (2^o), no contexto da Guerra Guaranítica (1752-1756). Em Rio Pardo, Rafael sentou praça, com 14 anos incompletos, no Regimento de Dragões do Rio Grande, e, ao comando do pai, participou do combate de Monte Grande, próximo a Santa Maria (atual) em 2 de janeiro de 1762.

Os Dragões do Rio Pardo haviam se deslocado para fundar a Fortaleza de Santa Tereza, no atual Uruguai, na iminência de uma invasão do general Ceballos, deixando um pugilo de Dragões em Rio Pardo, para liderarem civis, visando à condução de uma guerra de guerrilhas contra os invasores castelhanos. Entre eles estavam os Dragões Francisco e Rafael, pai e filho.

Em 24 de abril de 1763, após invadido o Rio Grande, a Vila do Rio Grande, berço de Rafael, foi conquistada pelo general D. Pedro Ceballos, governador de Buenos Aires. O domínio espanhol foi exercido por 13 anos sobre cerca de dois terços do atual estado do Rio Grande do Sul, como referido anteriormente.

A GUERRA DE GUERRILHAS CONTRA O INVASOR E SUAS BASES

Aos Dragões Francisco e Rafael Pinto Bandeira, que permaneceram na área de Rio Pardo, coube a liderança da guerra de guerrilhas contra o invasor, assim definida,

em 6 de junho de 1763, pela Junta Governativa no Rio de Janeiro, que substituiu o falecido General Gomes Freire de Andrade:

"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matas e nos passos dos rios e arroios. Destes locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes a constante e persistente inquietação."

Os executores dessa guerrilha inicialmente foram o Capitão Francisco Bandeira (até 1772), com zona-de-ação ao norte do rio Camaquã, e seu filho, Tenente Rafael, ao sul do rio Camaquã. O papel relevante desempenhado por essas guerrilhas na definição do destino (brasileiro) do Rio Grande não tem sido abordado em toda a sua projeção e significação estratégica.

Em 2 de janeiro de 1765, após 12 anos de serviços no Regimento de Dragões, já alferes, Rafael foi promovido a Tenente de Dragões da companhia do Regimento dos Dragões, ao comando de seu pai.

Nessa época, fazia um ano que Rafael integrava a guarnição do Forte São Caetano do Estreito, ao comando do pai, que barrou a via de acesso São José do Norte (espanhol) — Viamão.

Aí impediram o avanço espanhol até Porto Alegre e Viamão.

As bases dessas guerrilhas situavam-se em Encruzilhada do Duro (Coxilha-do-Fogo, Canguçu), ao sul do rio Camaquã e Guardas de Encruzilhada (Encruzilhada do Sul), ao sul, ao comando de Rafael, e ao norte, ao comando de seu pai que, após falecer, em 1772, foi substituído pelo heróico paulista Cypriano Cardoso Barros Leme.

Ao assumir o governo do Rio Grande, o Coronel José Custódio Faria implementou

as guerrilhas para cobrir Rio Pardo face às seguintes direções: Missões-Rio Pardo; Bagé (atual)-Rio Pardo e Rio Grande (espanhol)-Rio Pardo. Para executar essas missões, foram destacados os Dragões Francisco e Rafael.

Em 28/29 de maio de 1766, houve um fracassado ataque a Rio Grande, compensado pela recuperação de São José do Norte (atual), havia três anos em poder da Espanha. Esses dois eventos tiveram negativa repercussão em Portugal e contrariaram o Marquês de Pombal, interessado no apoio da Espanha para pressionar o Papa e extinguir os jesuítas que puseram por terra o Tratado de Madrid, em 1750.

Passaram-se sete anos, período em que as guerrilhas, agora sob a liderança de Rafael, causaram imenso prejuízo aos espanhóis. Foi quando o governador, D. Vertiz y Salcedo, de Buenos Aires, invadiu o Rio Grande, pela campanha, em novembro de 1773, para neutralizar as guerrilhas portuguesas, as quais, segundo ele, em sua visão de inimigo, estavam lhe causando os seguintes prejuízos:⁵

"Viamão, Rio Pardo, sul da Vila do Rio Grande e o sul do rio Jacuí (serras dos Tapes e Herval) têm sido refúgio de delinquentes que atuam nos campos de Montevidéu, Maldonado, Soriano, Bacas, Santa Fé, Correntes e Missões. Tudo com o fim de roubar cavalhadas das nossas estâncias do oeste dos rios da Prata, Uruguai e Paraná. Meus governados, atingidos por tão continuados e incessantes ações, sofrem os maiores prejuízos ao verem suas fazendas destruídas."

Era a guerra de guerrilhas, a estratégia do "fraco contra o forte", executada pelo Capitão de Dragões Rafael secundado por

Cypriano Cardoso e um pugilo de bravos civis então estancieiros que, em maioria, chegaram ao Rio Grande em 1752 com o Exército Demarcador, como integrantes de Companhias de Aventureiros.

O NASCIMENTO DE UMA DOCTRINA MILITAR — A GUERRA À GAÚCHA

A "guerra à gaúcha" consistia, basicamente, em retirar, dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande, todo o gado vacum e cavalar e as instalações estancieiras espanholas, para que nelas os invasores não pudessem se apoiar, já que, no Prata, um Exército caminhava à base do cavalo, como montaria, e do boi, como alimento autotransportável e tração de cargas mais pesadas.⁶

A invasão de Vertiz y Salcedo, batida por partes por Rafael em Tabantigai, em 10 de janeiro de 1774, e em Santa Barbara, em 11 de janeiro de 1774, obrigou o mexicano a retirar-se rápido para Rio Grande, deixando nele plantadas duas barreiras às incursões guerrilheiras além da Fortaleza de Santa Tereza: a Fortaleza de Santa Tecla e o Forte de São Martinho. O atual Passo da Armada, no rio Camaquã, entre Canguçu e Encruzilhada, leva esse nome pelas dificuldades encontradas pela Real Armada de Espanha (Exército de Vertiz y Salcedo) embaraçadas por Rafael. Nesse local, ele possuiria uma estância.

Essa invasão repercutiu em Portugal, e o Marquês de Pombal decidiu, em 1774, expulsar os espanhóis do Rio Grande, enviando para o local uma poderosa força, o Exército do Sul, ao comando do Tenente-

5. O que atesta sua repercussão estratégica.

6. Essa operação chamava-se "arreada".

dade de gado bovino e cavalari dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande, e os depositou em Canguçu, na costa do rio Camaquã; e descobriu e explorou uma nova via-de-acesso ao atual Uruguai, para driblar os bloqueios das vias-de-acesso em Santa Tereza, Santa Tecla e São Martinho. Foi a via-de-acesso balizada, atualmente, por Canguçu-Piratini, Herval do Sul-Passo Centurion no Rio Jaguarão-Cerro Largo (Mello, atualmente). Em 1801, os espanhóis bloquearam-na com o Forte de Cerro Largo. E os portugueses, cerca de 1800, com as fundações de Piratini e Canguçu, como preparativos para a vitoriosa Guerra de 1801.

O VALOR MILITAR DE RAFAEL

Um contemporâneo cronista de Rafael assim o viu:

"Tornou-se uma tradição os elogios às qualidades guerreiras de Rafael. Era tão hábil em prevenir ciladas como em surpreender o inimigo, que lhe atribuía possuir incorporado um espírito benfazejo, de um nume familiar que prevenia e guiava."

Esta era a impressão que seu nome causava em Colônia, segundo um sargento espanhol que ali chegou em 1778:

"Desembarcamos em Colônia. Apenas acabamos de acampar, recebemos ordens de marchar contra um fidalgo tremendo que vinha arrear cavalhadas. Esse fidalgo de Portugal era o coronel Rafael Pinto Bandeira. Ele trazia sempre consigo, segundo vários testemunhos, enorme contingente de negros valentes que desconheciam o medo."

Até em Buenos Aires seu nome era uma ameaça para aquietar crianças rebeldes: *"Quieto mui querido hijo, que aí viene el temeroso Rafael Bandeira."* Era, portanto, uma espécie de bicho papão.

RAFAEL PINTO BANDEIRA (1778-1789)

Rafael desentendeu-se com o governador Marcelino de Figueiredo, que o prendeu e o enviou ao Rio. Rafael pediu um conselho de Guerra do qual foi absolvido e mereceu a seguinte solução da Rainha, D. Maria I:

"Tendo sido presente a S. Majestade Rainha D. Maria I, acha-se no Rio de Janeiro o coronel Rafael Pinto Bandeira, remetido sob prisão pelo governador Marcelino de Figueiredo e estando gravado na lembrança da Real Senhora o distinto comportamento do referido Coronel em todo o tempo que durou a Guerra do Sul (1763-76). Hé a mesma Real Soberana servida em ordenar-lhe que mande de imediato restituí-lo livre ao Rio Grande e ao posto militar que dignamente ocupa. Determina a V.S. que depois de fazer ler esta no Conselho de Guerra, façam o encerramento dos trabalhos mandando-nos a juntada dos Autos..."

O governador do Rio Grande, Veiga Cabral, publicou a seguinte proclamação às tropas do atual Rio Grande do Sul:

"Em virtude da real resolução de S. M. Católica, foi reconduzido ao Continente e restituído ao cargo que dignamente ocupava o Coronel Rafael Pinto Bandeira, que antes fora preso e levado ao Rio de Janeiro, por exclusivo arbítrio do ex-governador José Marcelino de Figueiredo."

Em 1784, Rafael, comandante da Legião de Cavalaria Ligeira, em Pelotas (atual), transferiu sua residência principal para Porto Alegre para assumir, em 25 de janeiro de 1784, o governo do Rio Grande, cargo que exerceu descontínua e interinamente por cerca de 8 anos e 4 meses, substituindo o governador Veiga Cabral, demarcador do

Tratado de Santo Ildefonso de 1777 no Rio Grande.

VIAGEM À CORTE EM PORTUGAL

Nesse período, Rafael viajou a Portugal. A *Gazeta de Lisboa*, de 22 de fevereiro de 1789, assim noticiou sua chegada:

"Em 22 de janeiro, chegou, da América, a Lisboa o sr Rafael Pinto Bandeira, Coronel da Legião do Continente, que compreende o governo da Praça do Rio Grande de São Pedro, onde deu bastante prova de seu grande valor, como foi notório nesta Corte nos anos de 1774 a 1777..."

Em Lisboa, Rafael foi recebido como herói, retratado, promovido a Brigadeiro da Legião de Cavalaria Ligeira do Rio Grande de São Pedro e confirmado em seu comando, por Decreto Real de 30 de outubro de 1789.

Foi o terceiro brasileiro a ser elevado a oficial general do Real Exército de Portugal. O primeiro fora Matias de Albuquerque Maranhão e, o segundo, Salvador Correia de Sá e Benevides, heróis das Guerras Holandesas do Nordeste.

Segundo a tradição, Rafael recusou os títulos de nobreza de Barão de São Martinho e Visconde de Santa Tecla. Preferiu a graça de ser abonado no valor correspondente ao sustento de dois cavalos em Cocheiras, para ficar em condições de deslocar-se em qualquer caso de urgência, rapidamente, para qualquer lugar do Continente. Consta que foi atendido, com a ressalva "de que em tempo algum outro oficial pudesse requerer semelhante graça".

Rafael, em sua estada em Portugal, engordou bastante. E a partir dos 50 anos começou, em 1790, a ter dificuldade de montar sem recorrer a um banquinho. Até então

fora um cavaleiro excepcional. Criara-se nos lombos de cavalos. Certo dia, quando ia montar, ao aproximar-se do cavalo, este deu forte coice no banco que voou e o atingiu seriamente na canela direita. Os tratamentos nada resolveram. O ferimento agravou-se, a partir de seu 54^o aniversário. Mudou-se, com a família, de Porto Alegre para o Rio Grande, em fevereiro de 1795, desesperançado de cura de sua perna atingida por gangrena.

Em 6 de abril de 1795, nasceu sua segunda filha. Falecera cerca de três meses antes, aos 55 anos, aquele que foi, "a maior espada do Continente", o primeiro gaúcho a galgar o generalato, o terceiro brasileiro a receber essa distinção, o primeiro gaúcho a governar o Rio Grande do Sul e o primeiro oficial general brasileiro nascido na área do atual Comando Militar do Sul.

Nasceu e morreu no Rio Grande, onde repousam seus restos mortais, na Igreja São Pedro.

Sem haver freqüentado escola, lia e escrevia bem. Possuía prodigiosa memória e tinha escrito, de cabeça, o mapa do Rio Grande, cujo território ele devassou, assim como o do Uruguai.

O Marquês do Lavradio assim se referiu a Rafael, ao seu substituto no Vice-Reino, D. Luiz de Vasconcelos:

"O Brigadeiro Rafael possuía gravado em sua memória, e com exatidão, um grande mapa de todo o Continente de São Pedro (atual RGS)."

DESCENDÊNCIA E PATRIMÔNIO DE RAFAEL

O pai de Rafael faleceu em Rio Pardo, como Coronel, em 1772, com cerca de 75 anos.

Rafael havia se casado, pelo ritual

minuano, em 1761, com a mestiça Bárbara Vitória, filha do cacique mestiço (branco-indio) D. Miguel de Caraf, que fora capataz do seu pai. Da união, nasceu Bibiana Maria Bandeira, criada pelo pai em razão da morte, após o parto, de Bárbara Vitória. Bibiana casou, em 1784, em Rio Grande, com o Alferes de Milícias Antonio Rodrigues Nivola, cuja descendência é desconhecida.

Rafael casou em primeiras núpcias, aos 33 anos, em Rio Pardo, com a viúva D. Maria Magdalena Pereira, com 30 anos, nascida na missão São Lourenço em 1743, e falecida em Rio Pardo, sem descendentes, em 1787, aos 44 anos. Após um ano de viuvez, casou em Rio Grande, em 6 de abril de 1788, com Josefa Eulália de Azevedo, ela com 25 anos, ele com 48. Ela era natural de Colônia de Sacramento. Desse consórcio nasceram Rafaela Pinto Bandeira, em Porto Alegre, em 30 de novembro de 1792 e falecida ali, aos 96 anos, em 1^o de outubro de 1888. Ela foi casada com o baiano de Salvador, Coronel Vicente Ferrer da Silveira, assassinado, junto com o filho Diogo, em uma estância da família, no início da Revolução Farroupilha. A Rua Coronel Vicente é homenagem ao genro de Rafael. Sua filha passou a ser conhecida, em Porto Alegre, por "Briga-

deira" e a sua chácara, nas imediações da Santa Casa, de "Chácara da Brigadeira". Ela e o coronel Vicente tiveram dois filhos homens, Diogo e Vicente, e cinco filhas, as "5 Marias" (Maria Josefa, Maria Rafaela, Maria Sofia, Maria Luiza e Maria Amália).

A segunda filha de Rafael, Maria Josefa Pinto Bandeira, nasceu em Rio Grande em 6 de abril de 1795, cerca de três meses após a morte do pai. Casou em Porto Alegre com um oficial do Exército de Portugal. E para Portugal foi com o marido, perdendo o contato com a irmã, a mãe e com descendentes não conhecidos.

Rafael acumulou apreciável patrimônio em cinco estâncias: Pavão, junto ao canal São Gonçalo; Estância do Passo da Armada, no rio Camaquã/sul; uma junto ao rio Capivari, abaixo de Viamão; outra junto ao rio Gravataí (herança do pai); e a das Pombas, em Rio Pardo. Nelas, acumulou cerca de 30 mil reses, 10 mil bois mansos, 4 mil cavalos e éguas, milhares de ovelhas, fora o gado alçado, além de casas em Rio Grande e Porto Alegre. Rafael era Cavaleiro da Ordem de Cristo e dominava o Tupi-Guarani. Deixou à família muita riqueza. Na época em que viveu, era considerado o mais forte estancieiro do Rio Grande. □

FONTES

A presente interpretação baseou-se na pesquisa das seguintes fontes, que remetem o leitor e pesquisador a outras:

- BENTO, Claudio Moreira, Coronel. "A Guerra do Sul 1763-77." In: *História da 3ª RM e Antecedentes 1808-89*. Palegre, SENAI, 1995, v. 1 pp. 102-131.
- . *A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-77* (no prelo na Biblioteca do Exército). (Possui dados inéditos sobre Rafael visto pelo General Bohn).
- . "O Negro na Guerra do Sul 1763-77." In: *O Negro e Descendentes na Sociedade do RGS*. Palegre, IEL, 1975, pp.76-92.
- . "O Exército e a Abolição." *A Defesa Nacional*, n° 243, maio/junho de 1989.
- . "Bicentenário da Conquista de São Martinho." *A Defesa Nacional*, n° 663, 1975 e *Revista do Exército*, v. 108, 1975.

— "Bicentenário da Conquista de Santa Tecla." *RIGHMB*, nº 72 e 73, 1976, *Diário Popular*, Pelotas 28 de março de 1976 e *Correio do Sul*, Bagé, 25 de março de 1976.

— "Atuação de Rafael Pinto Bandeira na Conquista do Forte Santa Tecla." *Correio do Sul*, Bagé, 24 de março de 1970.

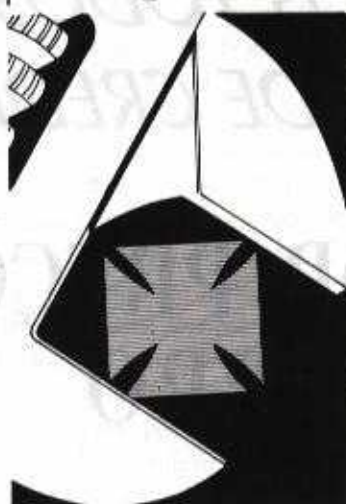
CRUZ, Alcides. *Vida de Rafael Pinto Bandeira*. Palegre, Liv. Americana, 1906.

NEVES, Décio Vignoli das. "Rafael Pinto Bandeira: O Terror dos Espanhóis." In: *Vultos do Rio Grande Cidade e do Município*. Santa Maria, Ed. Pallotti, 1891, pp. 17-40.

Revista do Museu e Arquivo Público RGS, nº 23, junho de 1930 (publica o Conselho de Guerra pedido e respondido por Rafael com absolvição).

NOTA: O Presídio Jesus-Maria-José (atual Rio Grande) tinha o sentido de Guarnição Militar, Praça de Guerra e local fortificado defendido por gente de guerra. Aventureiros eram tropas voluntárias, no caso formadas para lutar contra os espanhóis e para guarnecer as fronteiras. Uma Companhia de Aventureiros, ao comando do pai de Rafael, apoiou a subida do Exército Demarcador, de Porto Alegre a Passo São Lourenço. Não se constituía de gente desqualificada. Só foram extintas em 1815, por Provisão de 15 de dezembro de 1819. Figuram entre os primeiros estancieiros do Rio Grande.

Reparando bem a Renave é a maior.



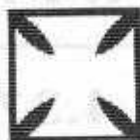
Há muito tempo a Renave conquistou o primeiro lugar como maior estaleiro especializado em reparos navais da América Latina, na área da iniciativa privada. Criando e desenvolvendo novos métodos de trabalho, a Renave visa sempre uma maior racionalização de serviços e elevação dos níveis de produtividade. Por isso vem conseguindo uma expressiva redução dos prazos e dos custos de seus serviços.

RENAVE — EMPRESA BRASILEIRA DE REPAROS NAVAIS S.A.

PRAÇA PIO X, 15 - 10º ANDAR - CENTRO
RIO DE JANEIRO - RJ - TELS: (021) 263-5311
263-8414 / 263-8000 - FAX: (021) 263-5992
TELEX: (31) 25991 FBRN BR

ESTALEIRO: ILHA DO YIANA - NITERÓI, RJ

markmen



RENAVE

em reparos navais, o maior é também o melhor.